

**Evolucionismo e política de civilização**  
**76º Fórum do Comitê Paulista para a Década da**  
**Cultura de Paz**  
**UNESCO/PALAS ATHENA**  
**MASP – 6/10/2009**

**EDGARD DE ASSIS CARVALHO**, Professor titular de Antropologia,  
coordenador do núcleo de estudos da complexidade – Complexus  
- da Faculdade de Ciências Sociais da PUC de São Paulo.

As sociedades humanas são produto de uma longa evolução, que envolveu milhões de anos e que possibilitou a um pequeno bípede, com um cérebro muito assemelhado ao de um chimpanzé, criar um estilo de vida que, posteriormente, viria a ser chamado de cultura.

Regida pela universalidade dos instintos, na natureza tudo era regular, mecânico, imutável. Do outro lado do espelho, estávamos nós, primatas humanos, caracterizados por uma fantástica capacidade de acumular saberes, tradições, mitos, experiências, portadores de linguagem articulada e simbólica, ponto culminante da evolução.

A divisão entre animalidade e humanidade e o sentido da evolução biológica e cultural nunca foi consensual no campo da interpretação científica. A Antropologia tem muito a ver com o isso, pois seu campo privilegiado de pesquisa era basicamente constituído por povos não ocidentais preconceituosamente considerados como inferiores, diferentes, primitivos.

Em fins do século 19 foi fácil colocá-los numa sequência evolutiva linear composta de primitividade, barbárie e civilização. Com a civilização europeia no



comando do mundo, tudo aquilo que não se conformasse com o padrão cultural dominante era simplesmente colocado na escala inferior da evolução social.

Desde que Charles Darwin (1809-1882) publicou a Origem das Espécies em 1859, abriu-se uma grande ferida narcísica que até os dias atuais não está cicatrizada, e é bom que não o esteja. Para Darwin, nós, os humanos, não viemos do outro, ou de uma instância transcendente, um desígnio divino incumbido de dar vida a qualquer tipo de matéria inerte. Viemos, isso sim, de nós mesmos, produto de um processo evolutivo milenar que envolveu muitas perdas e ganhos.

Em outras palavras, isso implica admitir que o homem, assim como a totalidade dos seres vivos, descende de algo preexistente e menos organizado. Essa ideia perturbadora de Darwin, mesmo que tivesse sido combatida em sua época pelo pensamento conservador, religioso ou não, permitiu que a fronteira entre natureza e cultura fosse repensada em outros termos, o que de fato ocorreu muitos anos mais tarde com as ideias de Claude Lévi-Strauss (1908-) por exemplo, para quem entre a natureza e a cultura há algo mais que, ao mesmo tempo, traz a marca da natureza – a universalidade – e a marca da cultura – a diversidade.

Em decorrência, passou-se a questionar se mundos diferentes do nosso eram mesmo diferentes em natureza (primitivo X civilizado), grau (inferior X superior) e pensamento (arcaico X moderno). Admitir que esses povos pensam como nós, e, por vezes, melhor do que nós, representou e ainda representa um duro golpe para muitos.

Estamos acostumados a dividir o mundo em compartimentos, separamos palavras e coisas, alma e corpo, oralidade e escrita, razão e loucura. Demasiado humanos, perdemos o sentido da vida. Guardadas as devidas proporções, trata-se de uma perda evolutiva, mesmo diante das fantásticas promessas do pós-humano e da tecnociência.

Foi difícil e, em certa medida, ainda o é, assimilar oralidade e escrita como modalidades cognitivas complementares. É sempre mais confortável



simplesmente opor culturas orais e culturas escriturais, estas entendidas como sinônimo do progresso e da evolução civilizatórios.

Não foram apenas as populações indígenas que sofreram na pele o preconceito e a intolerância civilizatórios. Embora as concepções da teoria darwinista e os mecanismos da seleção natural e da sobrevivência dos mais aptos fossem válidos para evolução da vida em geral, sua aplicação para a sociedade redundou em racismos e genocídios de toda ordem. É mais do que sabido que a transferência de conceitos e pressupostos teóricos e conceituais de uma área para outra é sempre algo problemático. No caso das sociedades humanas serviu de alavanca e justificativa para a expansão das ideologias raciais nazi-fascistas do século 20 concretizadas em guerras e extermínios planetários. Não resta dúvida que, neste terceiro milênio, o problema permanece e que os “mais aptos” se arrogam o direito de reger o destino da vida. Basta olhar o mapa do mundo para saber disso.

Termo cunhado pelo filósofo britânico Herbert Spencer (1820-1903), o darwinismo social mantinha intocável o pressuposto da passagem do homogêneo ao heterogêneo para a psicologia e a sociologia, passando a considerar como mais avançadas as sociedades que exibissem uma aceleração evolutiva significativa causada por revoluções tecnológicas irreversíveis. A diversidade das culturas não redundou, porém, em colaboração efetiva de povos e nações, mas manteve a dominação social, política, cultural como eixo central das relações humanas.

Foram tantas as pesquisas e classificações que o mundo cindiu-se em duas partes incomunicáveis: de um lado os evoluídos e adaptados, de outro exatamente o contrário. A evolução torna-se multilinear e o desenvolvimento da tecnologia a medida de todas as coisas. Mais uma vez a arrogância do ocidente mostra sua face e sua pretensão de irreversibilidade diante da flecha do tempo.

## **Sapiens ao quadrado**

Inimaginável no tempo de Darwin, a construção de tipologias e seqüências evolutivas multilíneas não conseguiu abalar o sólido edifício das dualidades, e isso porque mantiveram a definição do que é o homem, dentro de padrões demasiado normativos e classificatórios. Integrante do gênero *homo*, a espécie *sapiens* é *faber*, porque fabrica instrumentos, *loquens*, porque articula sons, palavras, frases, *symbolicus* porque atribui significados aos objetos. Com o prosseguimento das investigações entre primatas não humanos tornou-se equivocado admitir que somos apenas *sapiens*, aquele que sabe, isso porque macacos também são portadores de sofisticados códigos de sociabilidade e comunicação, mesmo que não falem como nós. Com 98% da carga genética semelhante a eles somos, agora, *sapiens sapiens*.

A repetição do termo não constitui um mero capricho terminológico. Funciona como um marcador definitivo das diferenças e semelhanças entre primatas humanos e não humanos. Mesmo que todos os homens sejam considerados iguais no plano evolutivo e que, em princípio, não haja diferença de natureza e grau entre quaisquer sociedades da Terra, essa condição de universalidade não redundou em nenhum tipo de solidariedade intercultural.

O século XXI que, para muitos, consagrará a sociedade do conhecimento, deverá aprofundar a condição da universalidade por meio da intensificação das pesquisas entre primatas não humanos. Observados em cativeiros, ou em seus próprios ambientes localizados em longínquos ecossistemas naturais terão muito a nos dizer sobre vida comunitária, processos de comunicação, relações afetivas e de poder, e mesmo sobre ética, sexualidade e evolução.

Somos 100% natureza e 100% cultura, ou melhor dizendo, seres individuais, carregamos conosco uma trajetória biológica milenar no plano da filogênese e, ao mesmo tempo, que somos portadores de um vasto acervo cultural constitutivo da memória coletiva da espécie. Nossa ontogênese é marcada por isso. Racionais de um lado, desracionais por outro.



A cada momento, somos invadidos por delírios, sonhos, excessos, loucuras, que escapam a nosso controle explícito, consciente. Na verdade, somos todos '*homo sapiens sapiens demens*'. *Demens* porque loucos e descomedidos, por vezes excessivos, lúbricos, lascivos. Em nosso cotidiano globalizado pobre em significações cosmopolitas, temos de manter um equilíbrio, sempre instável, aliás, entre o *sapiens* e o *demens*, o uno e múltiplo, o universal e o particular, a ordem e a desordem, o global e o local.

Sim, evoluímos como homens, mas essa condição não nos torna superior a nenhum outro homem. Não resta dúvida que a flexibilidade mental e comportamental são marcas da nossa evolução. Afinal de contas, conforme afirmou Stephen Jay Gould (1941-2002), os humanos não são nada mais do que animais que aprendem. É preciso estender o olhar para longe e perceber que, sob a diversidade da vida, existem respostas semelhantes para os enigmas da vida.

Por isso, a recuperação da natureza só se efetivará se conseguirmos exercitar a solidariedade entre todas as espécies vivas. Para redescobri-la é preciso consumir e manter o diálogo ativo e permanente. Para dialogar, é necessário que as partes envolvidas suspendam, mesmo que temporariamente, suas crenças, pressupostos e preconceitos, para que a comunicação e o fluxo das ideias se efetivem e se movimentem.

Um efetivo diálogo de solidariedades deve, portanto, fazer comunicar, pôr em movimento e em simbiose todos os componentes da sociedade-mundo planetária: ricos e pobres, excluídos e incluídos, alfabetizados e analfabetos, homens e mulheres, heteros e homossexuais, cientistas e poetas. O agenciamento dessa rede híbrida – repleta de multiplicidades, heterogeneidades e devires – implica a transformação das estruturas de dominação, exploração, desigualdade e exclusão hoje dominantes no comando da Terra. Apesar da visibilidade de injustiças, intolerâncias e ódios, o caráter da revolta permanece homeopático e bem-comportado demais.

A solidariedade de que falo aqui diz respeito a nossa responsabilidade ético-política diante da violência mimética do capitalismo liberal global e do



caráter abjeto de seus efeitos sobre milhões de pessoas a quem subjuga sem distinção de latitude ou longitude, norte ou sul. O que devemos buscar é um universalismo político capaz de dialogizar, entrelaçar igualdade e liberdade, ética e política, ódio e afeto, contingência e necessidade.

Como ponto de partida, três princípios precisam ser colocados em cena, a saber: Sustentabilidade, Responsabilidade e Esperança. São ideias-guia, faróis, horizontes a serem acionados e preservados para que a regeneração planetária ocorra.

Afirma-se que uma sociedade é sustentável quando ela se empenha em garantir para as gerações futuras a satisfação de suas necessidades básicas e níveis de vida íntegros e dignos, sem que as gerações presentes se prejudiquem com isso. Em conseqüência, seria estranho que um mundo sustentável elege-se como prioritários o crescimento econômico e a dominação da natureza. A sustentabilidade volta-se para a construção de um modelo cultural que garanta a continuidade e a preservação das espécies vivas.

A cultura deve ser assumida como pedagogia complexa que articula modalidades lógico-rationais a expressões mítico-imaginárias. Em outras palavras, razão, determinação, repetição e objetividade não sobrevivem sem sensibilidade, incerteza, criatividade e subjetividade. No cotidiano exercitamos simultaneamente multiplicidades de subjetivação e objetivação. Ambas têm a ver com a preservação da Terra-pátria, terra tão-somente como Lorca poeticamente adiantou.

*TERRA.*

*Terra para as toalhas adormecidas.*

*Para a pupila viciosa da nuvem,*

*Para as feridas recentes e o úmido pensamento.*

*Terra para tudo o que foge da terra.*

*(Federico Garcia Lorca)*



Ser alfabetizado ecologicamente implica preservar nosso lar-terra de qualquer tipo de agressão, venha de onde vier. Todos os componentes desse lar, como se fossem aqueles de nossa própria casa, encontram-se interrelacionados, cada parte se junta com a outra. Constituem, portanto, um sistema, mesmo instável, caótico e indeterminado. Para assumir que coisas semelhantes ocorrem em ecossistemas naturais e culturais, porque os princípios de organização são os mesmos para todos os sistemas vivos, é necessário entendê-los como elementos de uma rede solidária. No mundo vivo, nada se perde. O que sobra e se desorganiza de um lado, reaparece e se reorganiza do outro. A vida é assim, toda discordada e arlequinada.

*A vida é muito discordada. Tem partes. Tem artes. Tem as neblinas de Siruiz. Tem as caras todas do Cão e as vertentes do viver... A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros, nem não misturam.*

*(João Guimarães Rosa)*

Vida e morte não se negam, mas se complementam sempre, onde quer que nos encontremos, no plano material ou espiritual. Se podemos acreditar, com certo grau de certeza, que o início da vida ocorreu há três bilhões de anos, a continuidade que hoje presenciamos foi, certamente, produto de uma cooperação muito ampla ocorrida entre espécies naturais e humanas. É difícil saber precisamente a idade da Terra. Contos populares do Oriente pensaram melhor do que nós essa deflagração inicial.

*A terra emergiu como uma montanha, e ao redor de seus picos o vento sussurava incansável, formando uma nuvem atrás da outra. Das nuvens caiu mais chuva, mas,*



*desta vez, mais forte ainda e carregada de sal; daí se originaram os grandes oceanos do universo. O centro do universo é uma montanha de quatro caras, feita de pedras preciosas e cheia de coisas maravilhosas com muitas espécies de árvores, frutos e plantas. A montanha é também a morada dos deuses e dos semideuses.*

*(Conto popular tibetano)*

Formulado por Hans Jonas, o princípio-responsabilidade é prioritário e inadiável. A responsabilidade deve impregnar não apenas indivíduos e nações, mas organismos internacionais, instituições públicas e privadas empenhadas na construção de uma harmonia planetária que respeite simultaneamente a diversidade e a unidade dos processos civilizatórios sem esquecer, porém, que humanidade e animalidade, natureza e cultura constituem patrimônios histórico-culturais a serem preservados a qualquer custo. Afinal de contas, a vida se constitui sempre de uma pluralidade de planos, linhas de fuga, perspectivas, utopias. As cidades, afirma o escritor amazonense, são assim também.

*Uma cidade não é mesma cidade se vista de longe, da água: não é sequer cidade: falta-lhe perspectiva, profundidade, traçado e sobretudo presença humana, o espaço vivo da cidade. Talvez seja um plano, uma rampa, ou vários planos e rampas que formam ângulos imprecisos com a superfície aquática.*

*(Milton Hatoum)*

A responsabilidade se efetiva com a liberdade de fazer escolhas e tomar decisões que propiciem o bem comum, a salvaguarda do equilíbrio dos sistemas naturais e a fraternidade de todos os povos e culturas.

Num de seus ensaios, Montaigne (1533-1592) soube definir com precisão esse objetivo quando afirmou ser preferível ter uma cabeça bem-feita, ou seja,



aquela capaz de religar e contextualizar, do que uma cabeça cheia, a que apenas amontoa conteúdos dispersos, que nunca se comunicam. (Montaigne, 1987). Sem a reforma da escola, não haverá reforma da sociedade. A função primordial da educação é contribuir para a humanização, como pretende o filósofo venezuelano Antonio Pérez Esclarin.

*Houve uma vez um homem que, depois de viver quase cem anos em estado de hibernação, voltou um dia a si e ficou perturbado pelo assombro de tantas coisas insólitas que via e não podia compreender ... viu um cartaz que dizia: ESCOLA. Entrou e ali, por fim, pode reencontrar-se com seu tempo. Praticamente tudo continuava igual: os mesmos conteúdos, a mesma pedagogia, a mesma organização da sala, com a escrivanhinha do professor, a lousa e as carteiras enfileiradas para impedir a comunicação entre os alunos e fomentar a aprendizagem centrada na individuação e no individualismo.*

*(Antonio Pérez Esclarin).*

Edgar Morin deixou claro que a religação dos saberes e a reconstrução de meta pontos de vista sobre a vida, a Terra, o Cosmo, a humanidade, as culturas adolescentes e o próprio conhecimento constituem pontos de partida irrevogáveis para políticas acadêmicas da dita sociedade do conhecimento que nos aguarda. (Morin, 1999).

Naquela ocasião, mais precisamente em 1997, perguntaram ao poeta Yves Bonnefoy porque ele considerava fundamental o ensino da poesia nas escolas numa eventual reforma das condições do ensino fundamental. Sua resposta foi direta e incisiva. Disse ele que a poesia propiciava a prática da liberdade para com as palavras e a vivência da responsabilidade com um mundo melhor, com o sentido da vida. Quando se aprende um poema de cor, ou se lê um romance pela décima vez, essas narrativas permanecem para sempre em



nossa mente como uma reserva de memória, fiéis companheiros que nos convidam a encarar a miséria do mundo de modo menos pessimista e a seguir em frente diante da irreversibilidade do tempo. Casimiro de Abreu nos adverte para isso.

*Oh! Que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem, mais!*

...

*O mar é — lago sereno,  
O céu — um manto azulado,  
O mundo — um sonho dourado,  
A vida — um hino d'amor!  
O céu bordado d'estrelas  
A terra de aromas cheia,  
As ondas beijando a areia  
E a lua beijando o mar!*

...

*Em vez das mágoas de agora,  
Adormecia sorrindo  
E despertava a cantar!*

*(Casimiro de Abreu, Meus oito anos).*

Ciência e imaginação, ciência e arte nunca se excluem, mas se complementam, empenhadas que estão em decifrar o sentido e significado da vida. Não é mais possível que o século XXI mantenha a separação entre a cultura científica e cultura das humanidades, expressões artísticas e construções



científicas. A arte nos ajuda, e muito, a compreender zonas obscuras da mente que jamais serão desvendadas por conceitos, teorias e métodos.

Teremos de prestar mais atenção aos mitos. Talvez a ciência seja mesmo o mito da modernidade. Recuperar os mitos é algo inadiável, E por quê? Porque os mitos são auxiliares cognitivos que decifram sentidos ocultos recalçados, relembram tempos pretéritos em que natureza e cultura viviam em simbiose, adiantam tempos futuros nos quais a felicidade voltará a reinar sobre a face da Terra. Resolvem contradições que a ordem vivida não sabe enfrentar e, muito menos, solucionar. Vejamos, ao acaso, um dos mitos narrados por Lévi-Strauss no volume 3 das *Mitológicas*.

*“Sol e lua desceram outrora à terra. Eles queriam se casar, pois sua velha mãe estava cada vez mais debilitada. Lua pretendia escolher uma esposa entre as “debulhadoras de milho. Sol protestou que as humanas só tinham um olho e franziam o rosto ao olhá-lo, enquanto as saps voltavam em sua direção lindos olhos azuis. “Pois bem, disse Lua. Você se casará com uma sapa e eu com uma mandan”*

*(Mito Mandan, [460] narrado por Claude Lévi-Strauss em Mitológicas 3, a história dos modos à mesa)*

Como o Sol e a Lua desse mito 460, tergiversamos sobre nossos desejos, nos resignamos diante do óbvio e do efêmero. Distraídos pela informação e pelo mercado, esses dois paradigmas que regem o mundo das palavras e das coisas, vivemos de modo prosaico como se fôssemos adultos replicantes, damos as costas para as narrativas míticas, passando a entendê-las como elocubrações descerebradas de um mundo sem história, primitivo, outro. Megulhados no sistema-mundo, perdemos a identidade da terra-pátria, esquecemos o caráter



transcendente de nossas temporalidades, mergulhados na mediocridade de um cotidiano cada vez mais pobre em significações cosmopolitas.

É necessário impor limites à racionalidade e à racionalização, à objetividade da verdade plena, assumir que o acesso ao conhecimento pode-se dar por múltiplas vias. Essa biopedagogia é essencial para a construção da responsabilidade intercultural e para a consolidação da esperança, terceira e última ideia-guia a ser explicitada.

Se, como vimos, responsabilidade e liberdade encontram-se intimamente ligadas, esperança e solidariedade constituem um par inseparável. Para se ter esperança é preciso colocar a mão na massa, cair na real sem se desprezar do real-imaginário, ter vontade de mudar o *status quo*, não se deixar contaminar pelo sentimento de resignação, apatia e, muito menos, de passividade.

A vida simples e o pensamento autônomo não são horizontes intransponíveis, vazios, inalcançáveis. Basta olhar nosso entorno para nele identificar uma imagem, ou melhor dizendo, uma projeção de nós mesmos e, diante disso, partir para o confronto. Basta olhar o entorno, meditar sobre o dia a dia, assumir a humildade e deixar a tristeza de lado. Chico Buarque. Vinicius de Morasis e Garoto nos levam a repensar a nós mesmos com menos arrogância e mais humildade.

### *Gente Humilde*

*Tem certos dias em que eu penso em minha gente*

*E sinto assim todo o meu peito se apertar*

*Porque parece que acontece de repente*

*Como um desejo de eu viver sem me notar*

*Igual a como quando eu passo no subúrbio*

*Eu muito bem vindo de trem de algum lugar*

*E aí me dá como uma inveja dessa gente*



*Que vai em frente sem nem ter com quem contar*

*São casas simples com cadeiras na calçada*

*E na fachada escrito em cima que é um lar*

*Pela varanda flores tristes e baldias*

*Como alegria que não tem onde encostar*

*E aí me dá uma tristeza no meu peito*

*Feito um despeito de eu não ter como lutar*

*E eu que não creio peço a Deus por minha gente*

*É gente humilde – que vontade de chorar*

*Vinícius de Moraes e Chico Buarque de Holanda, letra.*

*Garoto, música.*

Originalmente formulado por Ernst Bloch, o princípio esperança é otimista e pessimista ao mesmo tempo. Otimista porque tem como horizonte um planeta em que as culturas venham a conviver e colaborar numa espécie de troca generalizada de seus modos de fazer, interagir e imaginar; pessimista, porque se sente impotente diante das condições simultaneamente includentes e excludentes da globalização, como se não soubesse por onde começar, ou mesmo contra quem se revoltar. Se nossa existência é terminal, não é impossível imaginar uma ponto de mutação antropológico responsável pela regeneração da natureza e da cultura proposta Jean Baudrillard.

*Se a carência e a servidão caracterizavam as sociedades anteriores, é a opulência e o liberalismo que marcam a nossa chegada à fase terminal. É a isso que sucumbimos. ... É*



*por isso que enfrentamos hoje, não mais uma revolução histórica, mas uma mutação antropológica.*

*(Jean Baudrillard)*

Sustentabilidade, responsabilidade e esperança constituem um sistema aberto, pleno de brechas, bifurcações, desvios, dissipações. Um não existe nem se efetiva sem o outro. São princípios ancorados na trindade indivíduo-sociedade-espécie, inseridos na tetralógica ordem-desordem-interação-organização, é verdade, mas também formas de ação coletiva voltadas para a reciprocidade e a solidariedade planetárias, a conscientização da humanidade comum, da Terra-mãe, pátria e morada de todos nós.

A criação da UNESCO, em 4 de novembro de 1946, já considerava prioritária a eleição de prioridades acautelatórias capazes de minorar o sentimento de mal-estar e a arquitetura da destruição decorrentes da segunda guerra. Naquele momento, o espectro do mal, a comoção mundial, a dor de Hiroshima e Nagasaki em 6 e 9 de agosto de 1945 punham de sobreaviso todos os humanos. Por um estranho paradoxo, sentimentos que favoreciam a compreensão dos povos, a colaboração das culturas passaram a germinar por toda parte, algo que os anos posteriores se incumbiram de negar. Sim, é possível concordar com a posição de Eric Hobsbawn de que a queda do muro de Berlim foi o ato terminal do século XX. O extermínio de nós mesmos, a sexta extinção, torna-se algo visível, palpável, empiricamente identificável aqui e agora.

Nossa memória pode tomar de assalto a máquina do tempo e sintonizar as palavras ditas por Julian Huxley (1887-1945). Embora suas posições fossem controvertidas e severamente criticadas como conservadoras e até mesmo reacionárias, esse especialista em genética e evolução, contrário a qualquer forma de racismo, defensor do controle populacional e do planejamento familiar rígidos, soube definir o que seriam os objetivos da UNESCO. A ela caberia

contribuir pela paz e zelar pela regeneração do homem. Essas são valores universais inquestionáveis. Precisam apenas impregnar e reeducar a mente de todos os habitantes do sistema-Terra.

Estar-junto, compartilhar, participar, solidarizar são pressupostos que fornecem sentido à recuperação da natureza e à utopia realizável de uma antropoética que religa pensamentos, intelectos e afetividades a dimensões individuais, coletivas, democráticas, cósmicas. Esse é o sentido e o desafio da democracia visualizados por Gandhi.

*“O verdadeiro democrata é aquele que, com meios puramente não violentos, defende sua liberdade, por conseguinte, a de seu país e, finalmente, a da humanidade inteira.”*

*(Mahatma Gandhi)*

O entendimento definitivo entre natureza e cultura exige auto-ética e auto-reflexão para que a vida se reencante e o agir e o diálogo comunicativos se efetivem, sócio-ética para que os outros não sejam meros artefatos da diferença, antropoética, ética da condição humana, para que o *anthropos* contamine a todos. Elizabeth Costello, personagem imaginário criado por J.M. Coetzee, traduziu superlativamente esse sentimento de democracia.

*“A ideia de que os animais são como nós de algum modo essencial é a origem do duradouro e muito difundido mito de um tempo, lugar ou pessoa mágicos que apagam a fronteira entre humanos e animais. O lugar é igual à floresta de espelhos onde as coisas não têm nomes, onde Alice podia andar abraçada ao pescoço de uma corça”.*



*(Elizabeth Costello, personagem imaginário criado  
por J.M. Coetzee).*

Feridos narcisicamente, não conseguimos fechar nossas chagas e permanecemos tributários de uma arrogância impune. Reassumir a universalidade da natureza e da cultura implica a redefinição do global-local, glocal para alguns, que nada mais é do que uma marchetaria construída por nossa pequena família mundial em meio a guerras, violências, dominações. Um outro mundo não é um local solitário, mas a solidão pode nos ajudar a repensá-lo. Por isso, Rousseau prezava tanto suas caminhadas pelos jardins das pequenas cidades.

*“Abri caminho até perto das fendas dos rochedos... e cheguei finalmente a um recanto tão profundamente escondido que não penso ter visto alguma vez um local mais agreste e primitivo.... de tempos em tempos algumas aves mais familiares iluminavam o horror desse lugar solitário”.*

*(J.J. Rousseau, Devaneios de um caminhante solitário, sétimo passeio).*

Se os animais servem para alimentar nossas projeções psíquicas, ao afirmarmos, por exemplo, fulano é um asno, beltrano é uma raposa, escorregadio como uma cobra ou dissimulado como um sapo, como será que eles – os animais – nos veem? Mesmo que a resposta seja impossível, a leitura das fábulas sempre contém a mensagem de uma reordenação da convivência entre os seres vivos. Claro que La Fontaine é o nosso guia para entender melhor esse propósito.



*“Cada qual deve ajudar o outro; essa é uma lei da natureza. No entanto certo dia o burro desrespeitou-a.... Esse burro ia pelo mundo ao lado do cachorro, sem pensar em coisa alguma, enquanto o dono deles caminhava atrás... Nesse meio tempo um lobo esfaimado saiu da floresta.... Ao vê-lo, o burro pediu socorro ao cão. Este nem se mexeu e aconselhou-o a fugir. Se o lobo alcançá-lo, arrebente o queixo dele. Enquanto fazia esse belo discurso, o lobo pulou na garganta do burro e matou-o sem dó nem piedade. Minha conclusão é que devemos nos ajudar mutuamente”*

*(La Fontaine, O burro e o cão)*

Desafio de nosso tempo, a nova desordem mundial produzida pelo capitalismo liberal global salta a nossos olhos nesses quase nove anos inaugurais do terceiro milênio. Ela exige a superação da guerra perpétua de todos contra todos, incita a extinção dos desmandos e intolerâncias da idade de ferro planetária, requer a luta indômita em prol de uma identidade futura baseada na sinergia entre plantas, animais e homens.

Não resta dúvida que a recuperação do tempo da natureza e do sentido da evolução representa um bom começo para a efetivação de uma política de civilização, para que o tempo de nossas vidas não se perca para sempre nas brumas do passado, no imediatismo do presente e nas utopias do futuro. Ninguém melhor do que Marcel Proust soube expressar o valor intrínseco da vida e dos afetos.

*“Afinal, a noção de Tempo adquiria um valor para mim; a de um agulhão, ela me dizia que era tempo de recomeçar, caso quisesse atingir o que por vezes sentira durante a vida, em breves intuições,... e que me haviam feito considerar a vida como digna de ser vivida.*

*(Marcel Proust, O tempo recuperado).*



O sentido da reforma da educação e a reforma dos educadores devem ser entendidos nesse tom. São utopias, ninguém duvida disso, mas quem seríamos nós se vivêssemos sem elas. Em suas muitas vindas ao Brasil, Edgar Morin reiterou que a religação dos saberes pode levar à construção de uma política de civilização comum a todos. Ainda será necessário muito tempo, grandes esforços, combates e detates para que isso ocorra. Os saberes necessários à educação do futuro, ele afirmou, são buracos negros, problemas, horizontes a serem assumidos por aqueles que acreditam no progresso da compreensão, na vitalidade do humanismo e na prioridade da ética . Obrigado a todos!

